



PREFÁCIO

Poliana Arantes (UERJ, Brasil)

Thomas Johnen (WHZ, Alemanha)

É com prazer que apresentamos às leitoras e aos leitores o primeiro exemplar em alemão e em português da Ecos de Linguagem. Nesta edição reunimos textos de pesquisadores que atuam no Brasil, na Dinamarca e na Alemanha. As contribuições são muito abrangentes e vão desde questões sobre o aprendizado intercultural da política de cultura a análises de discurso críticas do discurso midiático, análises de materiais didáticos e planejamento de currículo em alemão e português como língua estrangeira, questões atuais quanto a pesquisa sobre linguagem de sinais e formação em Interpretação de Conferência na Alemanha e um documento testemunhal sobre as experiências na infância por volta do final da Segunda Guerra Mundial na Alemanha.

Na primeira contribuição, a professora de Linguística de Linguagem de Sinais da Westsächsischen Hochschule Zwickau (WHZ) é entrevistada por Thomas Johnen sobre as condições da formação em Língua de Sinais Alemã em universidades alemãs. Questões de pesquisa atuais quanto à inclusão de pessoas surdas nas escolas regulares, assim como projetos de jardins de infância bilíngues tanto para crianças surdas quanto para crianças que ouvem nos quais as crianças que ouvem também aprendam a linguagem de sinais alemã são abordadas.

Poliana Arantes (UERJ) aborda, em seu artigo sobre a imagem do islã na imprensa sensacionalista alemã, um tema muito atual relacionado à islamofobia que tem se tornado cada vez pior e até mesmo articulada politicamente na Alemanha através de movimentos como Pegida e o novo partido AfD. Com base em um estudo de caso de análise do discurso de um artigo do jornal Bild, os processos que geram uma imagem negativa do islã de forma manipuladora são analisados.

Thomas Johnen (WHZ) analisa, em seu artigo, a apresentação por escrito da oralidade em livros didáticos em alemão e em português como língua estrangeira e chega à conclusão de que a oralidade, apesar da transição pragmática, não é considerada sistematicamente e nem são encontradas abordagens para uma progressão ponderada através do tratamento da oralidade nos livros didáticos de idiomas. Ele luta em prol da utilização de textos autenticamente orais em livros didáticos e no ensino de língua estrangeira.

Sandi Michele de Oliveira e Georg Wink (Universidade de Copenhague) relatam sobre um projeto de estudos inovador baseado na resolução de problemas da graduação „Português e Estudos Brasileiros“ da Universidade de Copenhague em parceria com a UERJ no qual os estudantes dinamarqueses e brasileiros tiveram que trabalhar problemas interculturais em times binacionais em uma empresa dinamarquesa no Brasil.

Charlotte Steinke (Universidade de Leipzig) apresenta em seu artigo a abordagem desenvolvida por Claus Altmayer sobre a aprendizagem cultural no ensino de alemão como língua estrangeira que mereceria obter mais atenção também internacionalmente. A seguir, apresentam-se os resultados de um estudo baseado nisso em um vídeo de aprendizagem de idiomas às reações espontâneas de voluntários brasileiros e alemães. A autora consegue salientar os „rich points“ e as lacunas referentes ao vídeo, mas também pode, apesar destes desvios pontuais, nos quais se apresentaram conhecimentos culturais desigualmente distribuídos, constatar uma ampla convergência em relação às reações dos voluntários brasileiros e alemães.



Ulrike Schröder (UFMG) ,Ursula Schröder, Wilhelm Schröder e Andreas Schröder apresentam dois relatos de experiências durante a infância relatadas em jornais de pessoas que vivenciaram o fim da Segunda Guerra Mundial na Prússia Oriental, incluindo a fuga e expulsão subsequentes para o norte da Alemanha, assim como pessoas que viveram durante esta época no norte da Alemanha e documenta, assim, experiências que marcaram uma geração inteira na Alemanha.

Paul Voerke (Universidade de Jena) apresenta, em primeiro lugar, em seu artigo sobre a política cultural alemã exterior como base para a cooperação de ensino com o Brasil, uma visão histórica geral que vai até o presente e trabalha, com isto, a especificidade da política cultural alemã, que se apoia em organizações intermediárias que não estão subordinadas diretamente ao poder de instrução da política e que, em um segundo passo, discute sobre as perspectivas atuais da cooperação de ensino entre alemães e brasileiros sob consideração especial do fomento da língua alemã no Brasil.

No último artigo desta edição, Samuel Werner (WHZ) apresenta o currículo e as primeiras experiências da nova e singular especialização na Alemanha em Português para Economia na Westsächsischen Hochschule Zwickau.

Esperamos que tenhamos podido estabelecer, com esta edição, uma ponte entre a pesquisa nos campos de estudos de idiomas e de cultura entre o Brasil e a Alemanha que tenha possibilitado, mesmo àqueles que ignoram a língua do outro país, o acesso a questões atuais da discussão acadêmica.